

Arquitetura da formação Codeter

Ideias-piloto para descoberta e estímulo na formação-rede

Marcílio Rocha-Ramos | Consultor em Educomunicação

1. Veredas e caminhos

Após as aprendizagens e grandes motivações que ocorreram (e ocorrem) com as formações nos Conselhos de Desenvolvimento Sustentável (CMDs), o Departamento de Formação da CAR (DFOC) começa um segundo ciclo (in)formativo, desta vez para formação dos Colegiados de Desenvolvimento Territorial (CODETER). Este texto-proposição parte do ideal de construir e mobilizar novos conhecimentos e novas práticas no Codeter para a governança e a concertação a partir do paradigma Educom. Que sejam bem vindas as colaborações, bem vindas as ideias e os desejos e são bem vindas até mesmo as ideias não-ideais, porque a educomunicação não trabalha com a perfeição-perfeita, a perfeição-acabada, a perfeição-pronta. Pelo contrário, a Educomunicação considera muito fértil a dúvida, as experiências fluidas, as indeterminações. Não afirmo que vivemos o “fim das certezas”, mas a propulsão das diferenças, sobre as realidades líquidas. Neste rumo é que continuamos a seguir fazendo proposições para um currículo formativo aberto, emergente, a-centrado, rizomático, produzido a partir da “pele” das coisas.

As boas experiências nos territórios nos referenciam a continuar produzindo modelagens formativas com métodos abertos, híbridos, emergentes, em bricolagens com as culturas locais e conhecimentos e habilidades dos seres envolvidos nas formações. Para construir estas “veredas e caminhos” formativos partimos da ideia-força contemporânea de *pensar global e agir local* de forma que, como assinala Paulo Freire, quem forma também está em formação e quem está em formação também é formador. Não se trata de um mero jogo de palavras, de uma suposta humildade-editada politicamente correta, mas de uma necessidade mesma de nos construirmos a partir das vivências, das experiências, dos

saberes e práticas de cada um de nós em nossas trajetórias e territórios fluidos. Para dizer com poesia este sentimento recorro aqui a um poema-tempo de Drummond que muito nos diz em sua singeleza sobre o ato de nos agarrarmos à própria vida para construir juntos os nossos caminhos. Um poema-desejo tão presente quanto as nossas sangrias do dia-a-dia: estamos, momentaneamente, taciturnos, mas ao mesmo tempo nutrimos grandes esperanças.

Mãos Dadas

Carlos Drummond de Andrade

Não serei o poeta de um mundo caduco
 Também não cantarei o mundo futuro
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
 Entre eles, considero a enorme realidade
 O presente é tão grande, não nos afastemos
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
 Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
 Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
 Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
 A vida presente

2. Questionar para conhecer

Para realizarmos uma abordagem teórica e prática na qual se insere o ato formativo para o Codeter, fazemos três questões a seguir a partir de um senso já quase comum entre técnicos da CAR-SDR segundo as quais a abordagem territorial está precisando de uma nova narrativa – para também poder “vender”, fazer se apaixonar, como afirma o colega Vanduir. A partir desta proposição, podemos indagar sobre o que aprendemos para construção desta nova narrativa? Qual a narrativa que temos ou tínhamos que demanda outra? E por que a narrativa antiga exige uma nova? Indagamos também com a colega Marília. Ela se refere a saídas pela “tangente”, quando afirma que as principais atividades mais impactantes na governança das políticas públicas em nosso País são por vezes dribladas... Outros colegas em nossos encontros formativos nos chamam atenção sobre as conquistas alcançadas, as lutas vitoriosas e ainda não de todo executadas – como por exemplo a própria Lei que estabelece a política territorial e outros dispositivos de participação, intervenção. Diante dos nossos desejos por fazer valer o que já conquistamos e abrir caminhos por novas práticas questionamos sobre que *autoração nova* pode ocorrer com a rede Educom.

Como a ação Educom parte do imediato no qual estão os seres de carne e osso, na pele das coisas, um dos primeiros passos é nos inserirmos nos problemas que apontamos como de “governo”, de “governança”, de “faltas”... A Educom não parte do princípio de que o “inferno são os outros”, mas, sim de que nós é que podemos (ou não!) conquistar o paraíso! Porque somos seres históricos - e quem tece o fio da história são os nossos dedos, nossas mentes, nossos pés, nosso corpo como máquina produtiva, imagética,

acontecimental. Bem afirma o diretor do DFOC, Marcelo Rocha, quando chama de “antônimo do território” a segmentação, a fragmentação, a repartição (pública-privada). Não é somente o Estado que segmenta. Não é somente o chefe que fragmenta. Não é somente a burocracia que reparte. A cultura que carregamos e a reproduzimos em nossas ações podem (ou não) realizar o “antônimo” do território.

Diante destes “antônimos” nos propomos a construir contracorrentes, um devir-educom² ultrapassando as culturas-púlpitos, transmissivistas, centralizadoras. Não se trata de uma dialética da negação, mas fazer valer as possibilidades concretas de comunicação, transformação, multiplicidades – ou seja, tirar partido de uma realidade na qual pela primeira vez na histórica as mídias tornam possíveis uma participação de um processo produtivo social e sociabilizado, cujos meios práticos encontram-se nas mãos das próprias massas, como assinala Enzensberger³. Para pensarmos novas viagens, voos e pousos devemos botar em questão estes conceitos que, embora teoricamente combatidos, são máquinas de guerras diárias contra a ideia de territorialidade, ação coletiva, descentralização. Nos encontros formativos da produção da formação para o Codeter se percebe uma permanente subjetivação em torno da gestão da participação, fortalecimento do capital social e das necessidades de novos agenciamentos. Então vamos indagar para seguir pensando (e agindo) sobre estas novas realidades para produção de um currículo educom com os Codeter pensando-fazendo construções profundamente relacionadas com as realidades locais:

- **Território.** Qual território estamos habitando, considerando os fatos novos que emergem do tecido social atual, de suas nuances políticas, governamentais e problemas que desafiam e as vezes abstroem o trabalho colaborativo?
- **Movimentos.** Que entradas, que saídas, que movimentos possíveis (e pretensamente impossíveis) podemos fazer diante dos problemas novos e dos problemas velhos que impõem a construção de uma nova territorialidade?
- **Formação.** Que modelagens formativas podemos rascunhar considerando o desejo de produção de uma rede educamunicativa como dispositivo de territorialização, desterritorialização e construção de novas ambiências criativas?

3. A rede como um novo território

Para avançarmos na formação da rede a partir também destes questionamentos, vamos pensar sobre alguns conceitos que transitam diariamente entre nós. Como sabemos, os conceitos têm corpos, histórias, e produzem hábitos, instrumentos, concepções. Com suas “vidas”, propriedades e dimensões, elaboram (e travam) caminhos, nos levam para vias abertas e também para vias cinzentas. Que tal pensarmos sobre os conceitos de “território” e suas dimensões? Que tal pensarmos também sobre os conceitos do Devir-Educom e suas redes, percebendo-os, agora, a partir das próprias experiências com as formações, produções e redes dos Conselhos de Desenvolvimento Sustentável? As redes dos CMDS nos servem também para espelhar teorias, testar conceitos, teorizar a partir das experiências

² Veja neste mesmo texto o conceito de Devir-educom como paradigma de novas ambiências formativas, educativas, colaborativas, cuja ação tem como motor produtivo a autoria coletiva, a produção de ecossistemas comunicativos e a leitura crítica (práticas multimidiáticas).

³ Conferir em: ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para teoria dos meios de comunicação**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979.

mesmas que já estão ocorrendo lá. Com efeito, a rede Educom dos CMDS é uma ação de “territorialidade e territorialização”.

Para situar a criação da Rede Educom dentro dos territórios de identidade da Bahia, trazemos os conceitos de *território*, *agenciamento*, *desterritorialização* e *reterritorialização* para compreendermos o que o DFOC apresenta dentro das linhas dos seus desejos⁴. A ascensão nova do conceito “território” está implicada com o conceito deleuze-guattari de “agenciamento”, “desterritorialização” e “reterritorialização”. Com efeito, o ser se organiza em amplas camadas dos territórios em espaços vividos e sistemas dentro dos quais nos apropriamos das subjetividades produzidas. Muito além da “terra”, o território é projeto, representação que agem como “máquinas” de comportamento, investimento nos tempos-espaços das sociabilidades, dos sentimentos e compreensões. Portanto, o território é espaço do complexo, do *intermezzo*, da a-centralidade. O ser necessita de um território material e simbólico que compõem as identidades fluidas advindas das culturas, projetos, novas ambiências. Os processos de desterritorialização e reterritorialização – movimento entre espaços construídos e por construir - ocorrem como engenho e arte das crises, das necessidades, das mudanças, das catástrofes, das perdas de controle das territorialidades pessoais e coletivas.

Estamos vivendo estas perdas. Que fazer? Onde entra a produção das redes educacionais como *engenho e arte das necessidades, das mudanças*? A rede é um agenciamento, é na linguagem deleuze-guattari uma “linha de fuga” – que preferimos chamar de dispositivo de ação-inovação-produção, um “voo” e, ao mesmo tempo, um “novo pouso”. Portanto, o seu agenciamento é o seu próprio *acontecimento*. Este ocorre como redes de redes, uma multiplicidade que comporta o heterogêneo, o diverso, numa dupla dimensão relativa a ações, paixões, estados de coisas; e relativo também a transformações. Temos na produção das redes educacionais três segmentos – dois relativo ao agenciamento – conteúdo e expressão; outro, relativo ao objeto mesmo da ação dos conselheiros(as), a produção da governança, da participação, da quebra da cultura-púlpito.

A rede como um novo território articula produzindo agenciamento de corpos, ações, paixões, reagindo uns sobre (e com) os outros; mas também articulando atos, enunciados, transformações incorpóreas – eventos, acontecimentos. Como já se observa na rede CMDS, o agenciamento exige um momento de acoplamento, junção entre máquinas, coisas, sites, faces, zap, e também uma diversidade de práticas linguísticas, formativas, comunicativas, teóricas que se entrelaçam no fazer. Em um eixo da ação educacional acoplamentos de técnicas e seres destas técnicas; em outro, linguagem. Para efeito da visualização teórica-prática da rede Codeter traduzimos a seguir os quatro componentes dos agenciamentos da produção Educom, operando seus conceitos, visualizando-os como máquinas produtivas, vivas. O objetivo é traduzir o conceito e sua operacionalidade, vê-lo na produção mesma das nossas ações, compreendê-lo como conceito-força, palavras-chaves, “manchetes” das ações edu-

⁴ Ressalte-se que estes conceitos estão muito presentes nas formações modulares dos(das) conselheiros(as) em seus cursos de graduação, pós-graduação, principalmente através das teorias de Deleuze e Guattari. Estes autores passaram a ser referenciados nas redes de pensamento e ação em diversas áreas do conhecimento. Conferir em:

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**. São Paulo : Brasiliense, 1987.

formativas da rede como um novo território.

Território	Conceito	Aplicação
Maquinação com corpos	Produção das redes com maquinas sociais. Misturas.	Políticas públicas: espaços de agenciamentos coletivos
Agenciamento de enunciação	Máquinas de expressão, linguagem, signos, formas.	Novas linguagens na articulação do pensamento e das ações
Desterritorialização	Movimento entre espaços construídos e por construir	Formação Educom – linhas de novas criações
Reterritorialização	Criação de novas ambiências. Territorialidade nova.	Rede Educom

OBSERVAÇÕES

Importante assinalar que o conceito “desterritorialização” vem causando entre nós um estranhamento natural porque à primeira vista parece ser que este se contrapõe a território, territorialização, territorialidade. Mas é justo o contrário: a *desterritorialização* é um processo permanente que ocorre nas relações sociais entre seres, coisas, espaços, tempos. A desterritorialização é justo o movimento-linhas de ação nos processos de construção dos territórios. Como assinalamos este conceito está muito presente nas teorias e cursos de graduação e pós-graduação, então vamos enfrentá-lo para posteriormente construir nossos próprios conceitos.

4. Ação Educom

O eixo da Arquitetura Formativa tem como dispositivo o conceito de formação integral. Ou seja, procura dar conta de todas as dimensões de desenvolvimento do ser em suas ações no território. O foco da formação Educom é imprimir um processo formativo com leituras contextuais engajadas nas realidades vinculadas aos espaços dos órgãos colegiados do *Programa Bahia Produtiva*. Destas ações ocorrem a produção de novos conhecimentos, tendo o protagonismo com as mídias, a produção de conteúdos críticos como dispositivo formativo-autoral. A Arquitetura Formativa conceitualiza produtos educacionais como um fluxo crítico, autoral em conexão com as problemáticas imediatas dos territórios. O processo produtivo da Arquitetura formativa ocorre numa relação dialógica e experiencial.

A rigor a *Arquitetura Formativa* está sempre em formação, uma vez que em cada território teremos como desafio: i) abordar suas problemáticas, problemas comunicativos, animadores educacionais e habilidades comunicacionais; ii) e em segundo momento, identificar vocações formativas, canais comunicativos, formas de ação em conexão com cada realidade e lugar e iii) desenvolver um ecossistema comunicativo em agenciamento coletivo. O mapa destas ações está nos grafos abaixo:

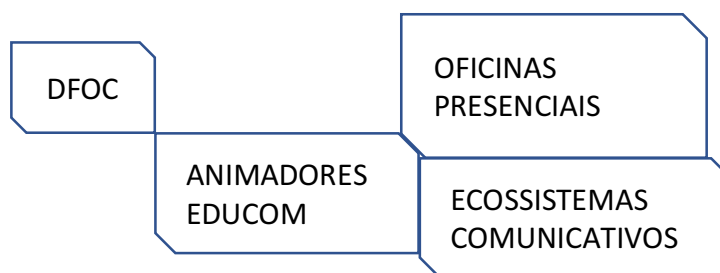


FIG 2. DESCRIÇÕES: FLUXOS FORMATIVOS

Para caracterização dos componentes da arquitetura formativa, especificam-se atribuições como "ponto de partida" na produção de fluxos:

- DFOC – Espaço de produção das irradiações educacionais e agenciamentos de enunciações. Agência produtiva, interativa e formativa.
- ANIMADORES EDUCOM: líderes dos territórios, responsáveis divulgação dos processos formativos e ativação dos coletivos. Os animadores são selecionados nos grupos de formação para gerenciar seus ecossistemas comunicativos como redes de ação, inovação e agenciamento
- OFICINAS PRESENCIAIS: Espaço dos encontros das teorias, problemáticas e produções autorais para ativação de coletivos presenciais e online.
- ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: Espaço das coletividades cognitivas que se auto organizam, se mantêm e se transformam através da criação, participação e desejos. O ecossistema é constituído por seres humanos, máquinas, redes, técnicas numa mescla de linguagens e saberes que, por sua vez, determinam uma multiplicidade de formas de participação, fazendo emergir uma cultura formacional com base na autoria, na interação, descentralizando os centros de poderes do conhecimento.

A Consultoria desenvolve as significações da *Ação Educom* como processos formativos nos quais a teoria está associada à produção de ecossistemas educacionais (canais em redes), produção de conteúdo crítico (leitura e ação) e agenciamento coletivo das produções (produção de redes de significação). Nesta perspectiva as ações formativas presenciais alimentam as ações online e vice versa. Por meio de rodas dialógicas e oficinas de produção autorais, a Consultoria apresentou os processos da ação educacional problematizando os conceitos do *agir educacional* nas seguintes caracterizações:

- i) *Ação educacional*: formação em rede por meio de produção multimidiáticas em métodos participativos, autorais, relacionando a teoria com as realidades imediatas locais. Processos em contracorrente com ações apenas transmissivistas.

- ii) *Leitura crítica*: questionamento crítico dos discursos editados. Leitura como ação de pré-produção, pré-autoral. Superação das leituras apenas interpretativas. Leitura como processo de criação, captação de conceitos para roteiros autorais.
- iii) *Autorias coletivas*: 'motor' da formação educomunicativa. Produção com as linguagens multimidiáticas e meios de comunicação já socializadas em grupos, desconstruindo os discursos de reprodução do status quo.

A) DEVIR EDUCOM

Já assinalamos para os grupos de formação que a arquitetura do DFOC tem no *devir educom* sua forma de expressão como ato de aprender fazendo, sentindo, tornando-se autor. A consultoria produz o *devir* formação por meio de práticas rizomáticas - fluxos acontecimentais, em múltiplas entradas e múltiplas saídas, questionando o caráter estático das realidades. Assim, criamos a arquitetura presencial em relação (e implicação!) com as arquiteturas online, articulando as comunidades de ação formativa nos territórios como máquinas de produção e empoderamentos coletivos, transitando das práticas centralizadas para movimentos acentrados – em processos de:

- VIRTUALIZAÇÃO – Fortalecimento das virtualidades, redes, fluxos e hibridismos culturais. Libertação dos desejos, dos corpos, da criação artística e produção da subjetividade em resistência a fluxos instituídos.
- RAMIFICAÇÕES – Ligação do individual com o imediato político em redes de afetação. Relação das micropolíticas às macro políticas, produzindo um discurso que 'fala' a cada indivíduo.
- AFETAÇÃO – Produção de linhas de encontros, ligações entre coisas de natureza diferentes. Agenciamentos coletivos em substituição à concepção de um sujeito individualizado.

Para o exercício da formação nas proposições acima arquitetamos a produção de ecossistemas educomunicativos – ou sejam, canais de produção de conhecimento dentro dos quais se estabelecem relações abertas, indutivas, criativas que é o que chamamos de formação rizomática. Estes canais (oficinas de formação profissional), grupos em redes (whats app, facebook, mailing) e microblogs (fanpages) estruturam o fazer formativo por meio de atividades presenciais e online.

Ecossistemas são territórios das coletividades cognitivas que se auto organizam, se mantêm e se transformam através da criação, participação e desejos. O ecossistema é constituído por seres humanos, máquinas, redes, técnicas numa mescla de linguagens e saberes que, por sua vez, determinam uma multiplicidade de formas de participação, fazendo emergir uma cultura formacional com base na autoria, na interação, descentralizando os centros de poderes do conhecimento. Com efeito, o ecossistema comunicativo quebra as relações hierarquizadas, conservadoras, da produção do

conhecimento, uma vez que na sua efervescência, conhecimento e vivência, expressão e pensamento ocorrem sem as amarras de conceitos pré-estabelecidos⁵.

B) (PRE-PRÓ-PÓS)PRODUÇÃO

Pactuamos com as equipes de formação presencial sua produção em três fases: na fase da pré-produção (encontros, conceitualização e roteiragens), produção (ação em grupo, produção de conteúdo, seleção e pré-edição) e pós-produção (edição, exibição e ação em rede). A rigor estas fases não são separadas em momentos plenamente definidos, uma vez que quando ocorre um encontro este já vem com sujeitos de ação, de produção de realização conformadas em experiências concretas. Com a socialização das técnicas e das mídias de interação estamos sempre a ser autores em forma de texto, comentários, foto-texto, ou mesmo selecionadores de conteúdos propagados em redes. A especificação das fases, no entanto, serve para uma pré-visualização das ações formativas e para distribuição do plano de trabalho.

Pré-produção

Esta fase se caracteriza como a preparação dos participantes da formação para sua entrada em ação. A pré-produção é a fase em que se faz um mergulho no objetivo da formação, seu conteúdo central, sua metodologia, e a sensibilização e motivação dos participantes da formação para conhecerem e participarem da educom. No caso desta formação, tendo em vistas, sempre, a possibilidade de se formar conselheiros municipais e membros de CODETER com qualidades novas. Nesta fase ocorre a constituição das turmas de formação, a formação de grupos, as rodas dialógicas, a produção de planos de ação e dos roteiros.

▪ **Encontros**

Os primeiros grandes momentos da formação ocorrem nos encontros presenciais com integração grupal, maior conhecimento mútuo com informações sobre cada participante para um panorama do perfil do grupo. Nome, município, ação como conselheiro, ideal de mudanças nas próprias práticas. Em grupo, cada um produz sua autoimagem. Em destaque as questões: i) o que posso melhorar na minha produção? ii) Como ocorre minha comunicação no presencial? e iii) Como ocorre minha comunicação no online? A partir destes momentos, os grupos entram numa fase de análise e conceitualização.

▪ **Conceitualização**

Nesta fase, a Formação Educom apresenta suas pautas: i) entendimento da formação educacional: teoria, métodos, instrumentos; ii) políticas públicas:

⁵ A relação entre ecossistemas presenciais e ecossistemas online está bem posta na minha tese “Blogosfera radical”. Conferir em: Rocha-Ramos, Márcio. **Blogosfera radical – ação educacional dos blogueiros sujeitos**. Palavras-mídias: Blogs; redes sociais online; educação na comunicação de massa; guerrilhas; inteligência coletiva; co-autoria; guerrilhas educacionais; autorias coletivas. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17750>>. Acesso em: 11 dez 2018.

conceito, alcance, funcionamento, participação, sustentabilidade, ii) papel do CMDS/CDTER e de seus membros: controle social, acompanhamento das políticas públicas, forças, oportunidades, fraquezas e ameaças dos órgãos colegiados; iii) Território e territorialidade. Logo após formam-se grupos para rodas dialógicas e produção de roteiros multimidiáticos.

- **Roteiragens**

Em torno dos conceitos produzidos por meio de palavras-geradoras, os grupos produzem roteiros com várias formas e linguagens diferentes: vídeo, texto, áudio, foto, foto-montagem, ilustrações, colagens, paródias, interpretações, etc.. Os roteiros “ilustram” por assim dizer as conceitualizações, avaliações, exemplos apresentados na fase anterior. Nesta etapa, a equipe de Formação faz rápidas oficinas de filmar, fotografar, falar em público, fazer slides etc.

Produção

Vencida a fase da Pré-produção, a formação avança para processo de produção autoral. Ou seja: a fase de realização dos roteiros, qual seja: objetivação das ideias, agora conceitualizando-as por meio de produções concretas, multimidiáticas. Aqui também significa que os grupos vão dá o salto qualitativo, saindo de ações presenciais, para ações autorais, educacionais, em autorias coletivas. A fase de produção, portanto, deve estar relacionada com ações concretas em torno da realização do roteiro.

- **Ação em grupo**

Os grupos são formados por afinidades pessoais e temáticas. Cada grupo é responsável pelo seu próprio roteiro e ações. É também o grupo que define qual linguagem vai utilizar – se vídeo, foto, texto, charadas, ilustrações...

- **Produção de conteúdo crítico**

Os grupos passam a produzir mídias a partir das linguagens definidas em grupo. O conteúdo educacional é crítico, descortina ciclos de repetições alienantes, expõe as realidades numa diversidade de fontes.

- **Seleção e pré-edição**

Após as produções, as equipes se reúnem, avaliam o trabalho realizado e reavalia o planejamento com a execução. É o momento de confronto entre os conceitos elaborados nas rodas dialógicas, roteiro e produção.

Pós-produção

A pós-produção consiste em montar os produtos realizados na produção, segundo a sequência do roteiro. A pós-produção é um procedimento estético e organizacional. É uma etapa minuciosa. Seja qual for a linguagem escolhida pelos grupos, este é o momento de se fazer um refinamento, uma qualificação estética, uma apuração da argumentação conceitual, um aperfeiçoamento na linguagem, na forma, na integração das partes para montagem da “obra de arte” dos conselheiros.

- **Edição**
Processo de seleção, ordenamento e ajustes das produções conforme foco do roteiro. De fato, uma composição. Este processo ocorre com a mediação profissional nas primeiras formações presenciais.
- **Exibição**
Nos primeiros momentos das criações, a exibição ocorre como culminância entre os grupos - reconhecimento do trabalho da equipe. Após este momento, os produtos serão utilizados para agenciamentos coletivos de enunciação.
- **Ação em rede**
Cada criação torna-se um link, um caminho para o ativismo e novas conexões. A equipe DFOC, junto com os grupos formativos organizam as produções para veiculação em diferentes redes sociais.

C) OBJETIVAÇÕES

Nos processos formativos há-que se indagar e encontrar saídas para consolidar espaços de diálogo, governança, concertação, considerando as tradicionais dificuldades dos Codeter sobre a falta de entendimento/conhecimento sobre o sentido da lógica territorial; o conservadorismo que predomina perante o desafio da política territorial como um movimento de múltiplas entradas, múltiplas saídas. Produzir a rede Educom é movimento de voo-pouso-criação sobre estas novas realidades - um processo contínuo de movimento e apropriação. A rede é um vetor de saída - por abrir espaços onde antes não existiam - criando ambiências para novas apropriações. A rede vai ajudar o Codeter a abordar questões específicas dentro de um contexto geral, fazendo-valer a política territorial macro estrutural, integradoras.

Para criar instrumentos para atingir os objetivos acima, a Consultoria/DFOC apresenta as seguintes proposições: Método: gestão da participação: como agir? Ideologia: fortalecimento do capital social rompimento com modelo fragmentado; Agenciamentos: ativismo em rede (educomunicação) com a construção de estruturas de comunicação, participação para uma nova narrativa, desterritorializando conhecimentos e práticas de governança e concertação na ação mesma da participação.

Portanto, temos aqui os desafios de:

- Construímos uma nova cultura formativa, informativa, agenciadora;
- Produzimos formas de colaboração sabendo que esta só ocorre de fato quando o processo da construção for concluído, percebido e atingir o interesse próprio imediato;
- Quebrar a cultura-gueto, púlpito, centralizadora. A partir destas proposições situamos o objetivo mais amplo da formação do Codeter como um devir-rede (in)formativas para:

5. Oficinas

As oficinas formativas estão voltadas para descoberta, estímulos, portanto ocorrem como dispositivos abertos na metodologia dialógica freiriana. Com efeito, as oficinas valorizam o universo social dos seus participantes como campo de investigação da realidade.

Como proposição metodológica partem das *palavras geradoras* (universo vocabular dos sujeitos sociais), em torno de eixos temáticos consensuados em grupos. As palavras são articuladas na prática em *rodas de criação/rodas dialógicas* – que podem acontecer dentro ou fora dos espaços. O método Paulo Freire foi um instrumento utilizado para o desenvolvimento de uma educação dialógica, participativa, tendo o universo social como campo da abordagem complexa da realidade para construção dos percursos educativos. A primeira etapa do método é justamente a construção do conhecimento da realidade dos participantes, um trabalho coletivo, coparticipativo, no qual se expressam as palavras geradoras⁶.

O objetivo das rodas de criação é identificar as formas e idealizações de como uma realidade social existe na vida, no pensamento, no imaginário dos seus participantes – que são os objetivos das pesquisas do universo vocabular e temático dos participantes, na pedagogia freiriana. No método de Paulo Freire, as palavras geradoras vão desvelar o mundo, expressando *temas geradores*, estabelecendo pistas de um mundo imediato, configurado pelo repertório dos símbolos. Através destes símbolos, os participantes passam para as etapas seguintes do aprendizado coletivo e solidário de uma dupla leitura: a da realidade social em que se vive e a da palavra escrita, ou filmada, ou dita no repente, na paródia, na ilustração que a retraduz. Assim como no método freiriano – no qual palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de dizer, versejar ou cantar o mundo e traduzir a vida se constituem pensamentos-linguagens para desvelar o mundo –, nas formações estes valores se tornam as argumentações para constituição dos roteiros de criação. O método Educom continua após a roda dialógica com o que chamamos de “pesquisa focada”. É pesquisa porque os grupos vão produzir novos conhecimentos entre si ou com outros espaços de leitura, aprendizagem, intervenção e é focada porque a pesquisa nasce das palavras e temas geradores da Roda Dialógica.

Os conteúdos digitais devem ocorrer preferencialmente em torno dos problemas reais que ocorrem nas rotinas dos territórios. O humor, a crítica, a paráfrase, a caricaturização das coisas fazem parte do olhar profundo dos envolvidos no projeto, e se tornam estética das criações. A defesa da proximidade dos atores com a história real que vivenciaram é de que essa possibilita melhores formas de expressão, principalmente para criação do roteiro. Nas práticas educacionais, observa-se que a realidade mesma oferece as seqüências, os atos das ações, as falas, sua densidade reflexiva – ou seja, sua história e seus personagens, favorecendo a visualização da produção. Trata-se de encontrar o recorte, a estética para expressão das subjetivações. Da realidade nasce o argumento e a partir daí o roteiro.

Vamos construir processos formativos a partir das vivências e desejos dos Codeter. Vamos “lincar” com as questões territoriais e com o “local” que de fato é comum, problematizando LDO, LOAS, PPA como espaço de governança e concertação. Vamos aplicar os três métodos desenvolvidos pela Consultoria em educação: a roda dialógica, a pesquisa focada e a autoria. A Consultoria apresenta para as oficinas três temáticas relacionadas com gestão participativa, fortalecimento do capital social e processos de agenciamento. Aqui é que ocorre a objetivação das questões do item *questionar para conhecer*, cujas problemáticas estão colocadas na introdução deste texto – com questões relativas ao *território* (que território habitamos?), *movimentos* (entradas-saídas) e *formação* (modelagens). Nas oficinas ocorrem a primeira experiência com ecossistema (presencial) para concomitantemente a produção de ecossistemas online.

⁶ O método dialógico de Paulo Freire pode ser pesquisado em diversas das suas publicações, tais como: *Educação como Prática da Liberdade* (1980), *Alfabetização e Conscientização* (1963) e *Pedagogia do Oprimido* (1974). No entanto, o método está melhor sistematizado no livro de Brandão (2004): *O que é o método Paulo Freire*, da coleção Primeiros Passos, do qual extraímos suas descrições.

i) Rodas dialógicas.

- A roda dialógica é produzida pelos educadores a partir de temáticas consensuadas nos grupos de produção e criação. A roda transcorre com a fala dos(as) protagonistas presentes através de relatos expressivos de concepções, sentimentos e apereios que circundam suas vidas. As temáticas que emergem das falas são que demarcam cortes verticais para recortes para conceitualização. A arte educadora da roda é de garimpagem dos códigos das falas – codificação aberta. Aqui se desenrola os novos, as culturas, as problemáticas. Problema: as subjetivações não se oferecem facilmente para ser transformadas em conceitos, produtos, conteúdos multimidiáticos. Pelo contrário: recortá-la é um desafio. Tanto que, por não encontrar um roteiro, o grupo geralmente tende a querer produzir numa sequência – como uma colcha de retalhos para “contemplar” todos os presentes. Se o grupo não consegue encontrar os caminhos, o desafio do educador na coordenação deste processo é encontrar um “recorte”, uma “eureca”, um ponto de atração, assim como o fio de Ariadne da história grega para “amarrar” as falas e realizar a construção do discurso multimidiático (codificação axial: redes de códigos). Após esta fase o grupo entra em profunda força criativa para conceitualizar (autoração). Aqui ocorre também o perigo de se substituir o grupo pela pessoa... Na ação de produção com o Codeter, destacamos as seguintes questões a partir do habitar o território, movimentos e modelagem:
 - a) **Representação institucional.** Quais seus problemas e desafios como representante do Codeter?
 - b) **Conceito de território e territorialidade.** Que contradição você vivencia com estes conceitos?
 - c) **Rede.** Como ocorre sua participação nas redes do seu território das quais você faz parte. Como você imagina a rede educadora.

ii) Pesquisa focada

- Fase de produção mesma dos roteiros multimidiáticos. Pesquisa a partir dos conceitos, imagens, e induções que emergem da roda dialógica. A pesquisa focada ocorre a-partir-das palavras forças, palavras-geradoras, conceitos elaborados nas rodas dialógicas. As subjetivações ganham “ramos”, redes, pernas. Ao investigarmos vamos desenvolvendo propriedades e dimensões dos conceitos que emergem. Estas propriedades, estas dimensões ganham corpo, conexões, para em seguida, produzirmos redes entre conceitos e destas redes produtos, conteúdos críticos que, de fato ocorre, no método seguinte, que chamamos de “autoração”.

iii) Autoração

- Fase em que os grupos se tornam autores por meio do percurso coletivo transcorrido nas duas primeiras fases do método. Para chegar nesta fase, os grupos fizeram uma codificação seletiva das informações, conceitos, pesquisas. Na proposição educadora, ser autor em processos de autoria coletiva é:
 - a) Produzir uma leitura crítica multireferencial, multilógica, multimídia e desenvolver um produto, desenvolvendo também uma habilidade, capaz de desconstruir visões dadas como certas e definitivas, dos ciclos de repetições alienantes;
 - b) Ser autocrítico: o grupo desenvolve a autoria também vendo a si mesmo no

coletivo como ser da ação, do acerto, do erro, da produção, enfrentando suas divergências e reconhecendo suas limitações.

- c) Publicar: a ação educom trabalha tanto com o processo (educação), quanto com o produto (comunicação) e com a produção de rede (agenciamento).

6. Roteiragem

Como vimos, o lugar das oficinas é especialmente espaço de questionamento e criação. E também território do ecossistema educamunicativo presencial, para produção dos ecossistemas online. Como o objetivo é fazer oficinas abertas para produção de um campo de subjetividades apresentamos as seguintes temáticas como palavras-redes das rodas dialógicas provenientes dos encontros formativos realizados pelo DFOC para produção das oficinas do Codeter – em torno da gestão, do capital social e de novos agenciamentos. O organograma a seguir diz a formação imediata nas oficinas-piloto (chamemos assim) da produção da rede, mas não a demanda que projetamos para formação. Aqui se trata de dá resposta imediata a uma necessidade – a formação da rede Codeter.

A problemática para uma alta performance comporta o que está assinalado no item acima sobre a gestão da participação do capital social e de novos agenciamentos. Este organograma vem “amarrado” num tempo de “dois” dias que é consenso trata-se de um dia e meio devido problemas com deslocamentos, instalações e ambiente. Contudo, não se trata de uma contradição, uma vez que a formação educom é processual, atemporal e ocorre a partir das próprias experiências. Antes de apresenta-lo divulgamos aqui uma série (que podemos chamar de ‘demandas reprimidas’, ou seja, necessárias realizar com urgência) para o bom andamento da rede.

- **Gestão da participação**
 - Gerenciamento de conflito: sinergia entre grupos
 - Aprender produzir gestão democrática
 - Produção de propostas: criação de políticas públicas pelos colegiados territoriais
 - Gestão dos territórios: o que está sendo feito, o que vai fazer
 - Acompanhamento da execução do ppa
 - Agendas com os secretários de estado
 - Aprender produzir gestão bem democrática
 - Câmaras técnicas qualificadas
- **Fortalecimento do capital social**
 - Editais territorializado
 - Fazer as identificações e pertencimentos, conhecimento das Leis.
 - enxerga as instituições que fazem parte daquele território e instituições que compõem
 - Realizar levantamento do que já está institucionalizado para empoderamento
- **Agenciamento**
 - Construir um plano de educomunicação do colegiado do território
 - Identificar potenciais educamunicadores
 - Ser agente comunicador, comunicação bem estrutura e eficiente
 - Integrar o urbano e o rural
 - Integrar o conhecimento sistematizado, técnico, úteis
 - Agendas com os secretários de estado
 - Agenciar conhecimentos da região provenientes dos espaços acadêmicos,

governamentais, educativos, informativos.

Organograma

DIAS	HORA	FOCO	QUESTÃO	DINÂMICAS
D1	MANHÃ	Roda dialógica: Integração, expectativas, objetivos. Ações Codeter. Situação atual da política territorial. Estado da arte. Lei 13.214/2014.	Roda dialógica: que conceitos pulsam como nova e velha cultura?	Muro da lamentação e das criações. Lâmpada mágica. Publicar a Lei
	TARDE	Roda dialógica: Paradigma Educom. Apresentação da Rede CMDS. Eleição de três animadores Codeter.	Como construir ativismo edum em rede?	Produção de rede com as mãos. Telefone sem fio
	NOITE	Oratória. A arte de falar, argumentar, apresentar. Experiências de vida.	Como entrevistar e falar bem em público?	Videos, gravações, representação, teatro
D2	MANHÃ	CET – Rede das redes Codeter. Edição na mão. Técnicas, ensaios. Plano de Comunicação.	Como a CET pode assumir um novo protagonismo com a rede Educom?	Roda dialógica, gravação, edição
	TARDE	Apresentação de produtos. Aprovação das proposições	O que aprendemos? O que podemos ensinar?	Avaliação

CONTRIBUIÇÕES

Este organograma está em aberto para contribuições. Todos sabemos dos déficits formativos que atingem todos nós nas mais diversas áreas. Então que sejam dadas as contribuições considerando que estamos com o desafio de construir a segunda rede educacional dos território, agora Codeter. Temos dois dias e um turbilhão de temas da maior importância para debatermos.